



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Zanella, Andréa; Terres, Clarissa; Ros, Sílvia

Contextos Grupais e Sujeitos em Relação: Contribuições às Reflexões sobre Grupos Sociais

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815122>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Contextos Grupais e Sujeitos em Relação: Contribuições às Reflexões sobre Grupos Sociais

Andréa Vieira Zanella^{1, 2}

Clarissa Terres Lessa

Sílvia Zanatta Da Ros

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A partir dos aportes teóricos da psicologia histórico-cultural considera-se que o sujeito se constitui por seus vários aspectos via processo de apropriação, sempre singular, tanto do saber quanto do saber como fazer. Essa apropriação, por sua vez, não se dá em abstrato, mas através de relações em grupos sociais e, com destaque os lugares sociais imputados aos/assumidos pelos sujeitos.

Cientes tanto da complexidade das teorias de grupos e suas relevantes contribuições para a psicologia, quanto da nossa limitada relação com a temática, é objetivo deste trabalho analisar, a partir de três investigações, diferentes grupos de adultos escolarizados reunidos em razão de atividades de ensinar e aprender. A dinâmica das relações entre sujeitos e grupos, com destaque para os diálogos estabelecidos entre os sujeitos nesses contextos, mutuamente se constituíam.

Palavras-chave: Grupos; constituição do sujeito; lugar social; psicologia histórico-cultural; relações entre sujeitos e grupos.

Grupal Context and People in Relation: Contributions to Reflections on Social Groups

Abstract

Based on the historical-cultural psychology, it is considered that the person fully develops himself/herself through a process of appropriation, always singular, of knowledge as well as of know-how or how to do. The process of appropriation is not abstract, but it happens through relations in diverse social groups, in which the social places stated / assumed by people.

Aware of the complexity of the group theories and its relevant contributions to psychology, as well as of our limited relation with the theme, the object of this work is to analyse, from three investigations done with school-educated adults on account of systematized teaching and learning activities , the dynamic of relations between subjects and groups, highlighting the dialogues established among them that were mutually constituted in those contexts.

Keywords: Groups; person constitution; social place; historical-cultural psychology; social relations between subjects and groups.

“...a concepção complexa do sujeito nos permite enlaçar ‘eu’ e ‘nós’, ao ‘se’ e a ‘isto’. Mas, aqui, apresenta-se o problema de que ‘eu’ e ‘nós’ nunca sei, exatamente, em que momento sou eu quem falo.”

sociais são naturalizados e, enquanto tais, apresentam-se além e aquém de sujeitos reais e concretos e de suas histórias.

Inaugurada na própria emergência do que se costuma intitular “idade moderna”, essa racionalidade sustenta-se em “...uma afirmação da idéia de que as pessoas são indivíduos livres e, enquanto tais, indivisíveis, separados, independentes uns dos outros e donos de seus destinos” (Santi, 1998, p. 3). A partir do pressuposto da cisão entre sujeito e realidade, afirma-se o que Figueiredo (1991) denomina como “a experiência subjetiva privatizada”, considerada pelo autor uma das condições para o advento da psicologia como ciência e profissão. A esta acrescenta-se uma segunda condição, a crise dessa experiência, resultante da constatação de que os homens não são assim tão livres e independentes.

Considerando que tanto a emergência da experiência subjetiva privatizada quanto a crise dessa experiência decorrem de condições sociais, econômicas e políticas que organizam as relações entre os homens, sendo estes entendidos enquanto sujeitos genéricos³, é possível afirmar que, no século XX, assistimos ao acirramento dessa crise. As importantes mudanças ocorridas nas ciências, tecnologia, artes, comunicação entre outros, que caracterizam esse século como “era dos extremos” (Hobsbawm, 1995), resultantes da/promotoras da “...perda da fé na inelutabilidade do progresso e pelo crescente incômodo com a fixidez categórica do pensamento iluminista” (Harvey, 1993, p. 37), fundamentam inúmeras demandas ao fazer, ao pensar e ao sentir do sujeito contemporâneo.

A informática, ícone dessas transformações, computadoriza a informação trazendo novas imagens, dígitos e signos. A tecnologia eletrônica materializa uma das mais significativas expressões desses “novos tempos”: a descorporificação das coisas. Ou seja, o que selas as relações em diferentes planos da vida humana passa a não ser mais o objeto concreto, mas aquilo que o representa e aquilo que ele representa. As relações se

respostas cada vez mais rápidas às demandas pela “percepção episódica da realidade”, a qual é a experiência sensorial da qual resultam representações lineares aos estímulos (Feuerstein, 1985). Tais mudanças quanto a percepção episódica da realidade, por sua vez, padrões de comportamento que afastam o homem tanto de sua história particular quanto de seus grupos de referência quanto da história da civilização humana.

Pelo exposto até então destaca-se o impacto das profundas transformações que vêm ocorrendo, a velocidade espantosamente rápida, o que impulsiona a sociedade extremamente instável e em constante transformação. Constitui-se como indispensável na medida em que as grandes transformações econômicas e sociais têm gerado significativas mudanças na realidade social e, em consequência, nos próprios sujeitos, porque, fundamentando-nos nos pressupostos da psicologia histórico-cultural, é possível entender como estas mudanças, características da contemporaneidade, foram e são produzidas/reproduzidas por homens concretos que, em meio a novas realidades, recriam a realidade ou mesmo relacionam-se entre si, partindo de como a significam. Nessas mudanças, constantemente re-criam a si mesmos, produzindo e reprodutores quanto o produto desta realidade, desordenada e imediatista.

Introduz-se assim a questão da constituição de sujeito, que demarca de certo modo a fronteira entre a ciência psicológica e a justifica. As interações entre sujeito e realidade datam dos primórdios da psicologia, sendo reconhecida por denominadas personalidade, subjetividade, identidade, entre outras explicações igualmente diversas, por volta do final do século XIX. De modo geral, podem ser agrupadas em três tipos principais, que partem do pressuposto da potência da realidade ou, em sentido inverso, de sua impotência.

linguagem, cultura, etc. Isso significa que os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos" (Morin, 1996, p. 48).

Desse modo, o sujeito de que se fala somente pode ser entendido enquanto tal na medida em que é histórico e socialmente constituído, pois desde que nasce se apropria das características humanas objetivadas nos diversos elementos da cultura. Por sua vez, esse mesmo sujeito, através de sua atividade, objetiva-se e imprime sua marca no contexto social em que se insere, objetivação esta mediada pelo que foi socialmente apropriado⁴.

Ao discutir a constituição do psiquismo humano, Vygotski (1991a, 1991b, 1991c) destaca que, a partir da apropriação da significação⁵ de determinadas pautas interativas, o homem torna-se capaz de auto-regular a própria conduta, constituindo-se como sujeito de sua própria ação e vontade. O autor não enfoca de forma direta a questão da “submissão à vontade dos outros”, implícita na própria etimologia da palavra “sujeito”, porém é evidente que, na medida em que concebe os homens como constituídos social e historicamente, mantém implícita esta perspectiva.

Compreender o sujeito como histórica e socialmente constituído, ou o social enquanto resultante da atividade de homens concretos que, por intermédio dessas atividades se objetivam e subjetivam, requer um esforço teórico-metodológico que permita lidar com supostos antagonismos, sem perder de vista a noção da constituição mútua. Uma das grandes dificuldades diz respeito ao “que do social constitui o sujeito” (Góes, 1993), ou seja, em que medida há um “eu” que, socialmente constituído, caracteriza-se como singular. Se singular, expressa especificidades, porém estas não se descolam dos contextos em que são produzidas, sendo pois expressão das próprias condições sociais, econômicas, políticas e ideológicas. Nesse sentido, Morin (1996, p. 48) afirma que o indivíduo é um objeto incerto: ”Do nosso ponto de vista é tudo, sem ele não há nada. Mas, a partir do outro lado, é nada, ou sólido”.

interlocução em que a minha fala é destinada a outro e a ele se destina. Nesse caso, necessariamente a presença física do interlocutor pode fundar-se no diálogo comunicativo ou imaginário, idéias ou valores coletividade anônima da qual fazemos parte, outra que elegemos como pertencente (Zanella, 2000, p. 78)

É pois no contexto das constituições dos sujeitos acomodados que a apropriação da cultura em si é realizada, e a apropriação, por sua vez, é mediada por os grupos sociais dos quais participam e dos lugares sociais.

O conceito de lugar social é referência imputadas socialmente assumidas, caracterizando-se simbólica e não referência contribuições de Bakhtin (1990) apresenta o conceito de lugar social simbólico através do qual os enunciados dirigidos a uma audiência se portanto de um conceito relacional das relações sociais sob o prisma da conformidade e conforma, sendo esses mesmos de re-significação pelos sujeitos produtores ativos da própria realidade.

Considerando pois a perspectiva entre sujeitos e grupos, os quais produzem no contexto das relações de tempo marcados pela história da relação e dos lugares sociais que estão em que se envolvem. Ao mesmo tempo, os lugares são constantemente transformados, essa relação como diálogo permanente entre movimentos nem sempre harmoniosos. Desses movimentos faremos aqui algumas investigações desenvolvidas com base na bibliografia.

(Vygotski, 1987, p. 74). Entende-se que essa característica permite a análise conjunta e o estabelecimento de aspectos que nos levam a refletir sobre a complexidade das relações sujeitos e grupos.

Investigação I – O processo de constituição do sujeito foi analisado, nesta investigação, a partir do diálogo travado por um sujeito com o grupo social que faz da renda de bilro atividade de seu reconhecimento e expressão. Às entrevistas e filmagens do processo de ensinar e aprender a fazer renda envolvendo o sujeito aprendiz e a professora, realizadas por Zanella (1997), somaram-se duas (2) novas entrevistas semi-estruturadas e filmagens do sujeito assistindo e comentando as filmagens anteriores.

O sujeito estudado nasceu no seio de um grupo rendeiro – sua mãe, irmãs, tias e vizinhas teciam diariamente a renda de bilro -, porém não se dedicou à atividade durante muito tempo. Foi por uma necessidade profissional que, após 15 anos, reaproximou-se da renda, matriculando-se em uma Oficina de Renda de Bilro. Enquanto funcionária de uma entidade cultural participava, na ocasião, de um projeto que tinha por objetivo resgatar os diferentes modelos de renda de bilro para a constituição de um acervo, iniciativa esta pautada pela preocupação com a paulatina extinção da atividade.

Com a oficina lhe foi possível re-aprender a manejar os instrumentos utilizados na confecção da renda de bilro, o que a possibilitou tanto a confecção de peças segundo os modelos tradicionalmente tecidos pelas rendeiras, quanto a produção de novas peças, sendo o ritmo do seu tecer caracterizado como lento em razão do tempo reduzido que dispunha para se dedicar à atividade. Como resultado, não era considerada pelas rendeiras como pertencente a este grupo social, posto que não compartilhava das características consideradas por estas como elementos de identificação: tecer com agilidade e produzir modelos tradicionais de renda.

O movimento que faz em relação ao processo de

social relativo à deficiência ou à incapacidade pedagógicas basearam-se na metodologia de doutorado de Da Ros (1997). A principal investigação consistiu na preparação dos sujeitos deficientes para atuarem como coordenadores artísticas e de lazer, junto a senhoras idosas da periferia. A coleta de dados ocorreu via filmagens alternadas bem como pelo registro cuestionário e reuniões, o que permitiu visualizar o processo de vida dos sujeitos em alguns de seus momentos. Decorreu o trabalho semanal – como parte da investigação – com as senhoras de uma comunidade periférica da cidade de Florianópolis. Estes momentos também foram registrados em filmagens.

Constatou-se que o trabalho dos sujeitos com deficiência com outro grupo marginalizado – foi extremamente relevante para ambos os grupos, as idosas, considerando a sua dupla condição de avançada e a vida numa instituição de longa permanência que perderam sua inserção no mundo exterior. Para os sujeitos com história de deficiência, este trabalho para o desenvolvimento de sua modificação de vida, que relativa, em relação ao legado social, trouxe alternativas de lidar com este.

O encontro dos dois grupos foi marcado por algumas experiências em artes plásticas, como a expressão pela expressão para alcançar um equilíbrio sintônico com processos mais complexos, proporcionados pelo imediatismo do tecer. As relações que aproximou os dois grupos eram de linguagem comum: a atividade criativa que fundou interações voltadas ao devir, ao encontro semanal quanto no decorrer do trabalho e no percurso traçado.

Os primeiros traziam expectativas de se reinventar ou de uma forma diferente de lançar-se no mundo novo. Assim disse Dona Rosa (integrante do grupo de idosos): “Eu sempre quis pintar, desde quando eu era menina. Eu queria pintar, mas não tinha como. Agora que eu sou velha, eu posso pintar”.

história de deficiência que havia verbalizado nas sessões iniciais algo sobre o seu medo de ficar velha, começou a ver e entender a velhice a partir de uma outra perspectiva: "A velhice não é a morte, mas é preciso preparar-se para ficar velho".

Estes momentos falam do processo de constituição dos sujeitos, sobre aquilo que se universalizou enquanto organização da totalidade do grande grupo (o não à deficiência e à incapacidade) e, principalmente, da dimensão que traz a arte segundo Vygotski (1998), ou seja, de que a mesma, enquanto atividade mediada, implica em algo que transforma, que supera o episódico.

Investigação III – Esta investigação foi realizada com um grupo de servidores públicos federais participantes de um programa de formação de gerentes em serviço (PFGS), elaborado em resposta à demanda de muitos funcionários que identificavam problemas gerenciais na instituição. A coleta de dados foi feita através de gravação em fita cassete de depoimentos dos participantes; fotografias do grupo e de seus membros no decorrer das atividades; imagens em vídeo; produções escritas, decorrentes das atividades propostas; anotações feitas pelo monitor da turma e avaliação escrita feita pelos sujeitos.

A partir dos dados coletados constatou-se que a turma pesquisada constituiu-se enquanto grupo, o que entendemos possível a partir do momento em que engendra ações coletivas. Os indicadores de tal constituição foram os momentos em que os sujeitos: 1) disponibilizaram-se a um relacionamento informal e pessoal; 2) tomaram a iniciativa e mobilizaram-se coletivamente na produção de algo não previsto pelo programa, tais como atividades, discussões, entretenimento, etc; 3) buscaram um objetivo sempre coletivo nas tarefas propostas pela coordenação; 4) apresentaram-se como porta-vozes do grupo; 5) produziram circunstâncias que permitiram a constituição/manutenção do grupo; 6) assumiram lugares sociais diferenciados, ou seja, não cristalizados; e, 7) criaram estratégias para se manterem como grupo, a despeito de

funcionamento, lidando com forma diferente da costumeira

Quanto a Hélio, esse se apresentou com características suas a impressas. Apesar de fazer um movimento de grupo o aceitou em sua singularidade demonstradas. Paulatinamente participar mais e, assim, inserir-

O Movimento dos Sujeitos

O contexto atual, com sua fundamentação teórica, caracteriza-se cada vez mais descoladas do que produzem. A descorporificada perspectiva a-histórica que naturaliza a fragmentação da realidade e sua (conforme Jameson, 1997), transformação, as relações se pautam pelo imediato conquistas que, tão logo obtidas,

Embora predominantes, sendo/precisam ser continuamente a produção de uma nova sociedade sociais éticas e democráticas e do alarmante quadro de exclusão encontramos. Para tanto, é necessário nos diferentes contextos em que se de compreender os movimentos mutuamente produzem. Esses quando se toma por base o aprender em situações sistematicamente na intencionalidade dos sujeitos.

Profundamente complexas e problemáticas ora arroladas na pesquisa cujas respostas demandam de reflexão. Não nos atrevemos a querer as investigações realizadas para considerações sobre a dinâmica entre os adultos - os sujeitos de pesquisas - e os adolescentes.

resultado, modificaram-se sujeito e grupo de referência, posto que a atividade que permitiu consolidá-los a partir de uma relação de pertença constituiu-se nesse caso como fundamento do diálogo estabelecido com os muitos outros que caracterizam a cultura da qual fazem parte/participam ativamente (análise pormenorizada desse processo encontra-se em Zanella, Balbinot & Pereira, 1999 & 2000).

Quanto à segunda investigação, é possível considerar que os “muitos outros que caracterizam a cultura” expressaram-se de diversas formas: o encontro promovido entre sujeitos que têm uma história marcada pela discriminação – os chamados “deficientes – com sujeitos também sujeitados a discriminações que secundarizam as suas experiências – as velhas - possibilitou a todos re-significarem suas histórias e imprimirem às relações das quais participam características distintas daquelas até então vivenciadas.

Os sujeitos com histórias de deficiência puderam assumir um novo lugar social enquanto coordenadores de grupo e reconheceram-se não como sujeitos incapazes e passivos frente às exigências da sociedade, rompendo assim com o legado cultural da inoperância e impotência. A conquista realizou-se num determinado lócus, com novas significações e sentidos. Quanto aos velhos, considerados socialmente como um problema em razão da suposta deficiência orgânica, o que é adequadamente discutido por Sais (2000), puderam revelar-se como artistas, como produtores do novo do qual resultaram emoções que marcaram suas vidas (análise desse processo encontra-se em Da Ros, 2000).

Pelo exposto constata-se que nessas investigações foi possível verificar o movimento (in) tenso dos sujeitos em relação a lugares sociais historicamente produzidos que a eles eram designados. Nice, sujeito da investigação 1, dialoga através da atividade de fazer renda com a tradição e as rendeiras que buscam perpetuá-la. Nesse embate, re-significa tanto o ser rendeira quanto os produtos dessa atividade, imprimindo-lhe características

e limites das necessárias ações coletivas para transformação dessas mesmas condições.

Lugares sociais historicamente presentes, nos contextos grupais focalizadas, ativamente re-significados para a relação. Consistiram assim em indicações ali produzidas, tanto nos sujeitos em suas relações que compunham os grupos participavam.

Outra temática que merece consideração são os grupos em si e as diferentes formas que constituíram. Na investigação 1 observou-se o princípio um grupo social já constituído, literatura como espontâneo: sua formação é resultado de um processo histórico onde sujeitos passaram por razão de uma atividade específica – o bilro. O movimento analisado foi, nesse caso, de um novo integrante no referido grupo.

Importante observar que, embora a inclusão só seja possível a partir das falas a este grupo efetivamente pertencem, o que analisar foi a fala do sujeito investigado em relação ao grupo social "referente da Conceição". Destaca-se em seu discurso de pertença, o fato de considerar-se medida em que sua atividade é movida a contribuir para que a renda de bilro seja enquanto manifestação cultural, ainda que precise ser modificada. O pertencer, nos contornos diferentes do que pontuamos na fundamentação teórica: de acordo com a consultada, pertencer a um grupo significa conduta pelas características e exigências que constatamos, no entanto, foi o movimento que ativamente re-significou essas características e exigências, modificando-as e sendo assim modificado.

No caso da investigação 2, deflagrou-se a explosão de um

deficiência mas não como deficientes e incapazes, o exercício metacognitivo constante, enfim, todos esses aspectos conferiram outro panorama às relações. Como resultado, constituiu-se um grupo que foi capaz de assumir uma tarefa comum, a de mediadores de atividades artísticas e de lazer junto à velhice institucionalizada.

Além da coordenação, o grupo de pessoas com história de deficiência fazia todo o planejamento daquilo que seria desenvolvido com as senhoras, discutindo o objetivo das atividades, avaliando o que já havia sido executado tanto em relação à atividade como um todo, quanto do desempenho do coordenador e de seus companheiros que, no caso, atuavam como auxiliares na distribuição do material e ajuda ao coordenador em momentos que as senhoras necessitavam de mediação.

As idosas que participaram do trabalho, por sua vez, não compunham um grupo: constituíam-se na verdade como um agrupamento de seis a oito senhoras que realizam atividades a elas propostas. Havia momentos de troca, de comunicação, de conversas sobre aquilo que produziam; a tarefa era comum, mas a execução e seus resultados era individual, sendo, na maioria das vezes, marcado por um *ensimesmamento*. O que compartilhavam era a alegria de pintar, fazer dobraduras, entre outras atividades.

Foi um processo árduo e que não garantiu aos componentes do grupo sucesso em toda sua empreitada, mas ficou claro o deflagrar do processo de auto-regulação (Vygotski, 1991c) que permitiu reconstruir, numa outra direção, o legado social da incompetência, re-significando-se como sujeitos capazes. Isto foi possível em razão da experiência vivida, pois...

“O processo de mudança onde o aprender promove o desenvolvimento, dá-se através de uma aproximação ou interação mediada ativa, isto é, aquela que concebe o ser humano como capaz de se transformar e que restitui à pessoa com história de deficiência (...) a possibilidade de se relacionar com o mundo de uma forma diferente daquela marcada pela condição de deficiente (Da Ros, 1997, p. 44)”.

em que participavam do protesto (um movimento grevista nacional e uma instituição pública). Outros reconhecimentos foram explícitos de atividades: os discursos da instituição - reveladores da saída de trabalho - bem como em relação a outras - consideradas inadequadas, e a remuneração - indicavam de saída que se enquanto integrantes de um grupo espontâneo que era integrante, no decorrer do processo de serviço constatou-se a constituição de um grupo. Partindo das atividades e situações vividas entre os sujeitos foram assumidos que possibilitou o estreitamento desse processo, no entanto, não foi homogêneo, pois para além de ser característico das leituras funcionais, por Rodríguez e Hera (1998), é destacado por Lane (1985), e que constituem como espaços interpenetrados de um movimento, onde embates são produzidos e/ou rompidas, contradições existentes. O processo vivido por aqueles durante duas semanas em que estiveram na sede, portanto, pelo movimento tensão e reconhecerem-se e desenvolverem

A propósito da construção de um novo social, é preciso compreender que esta condição é totalidade, onde cada parte do todo se sustenta e manifesta. A nova sociedade expressa no tornar próprio alguma coisa social com o que de si é próprio. É um complexo de encontros e desencontros que caracteriza o movimento dos seres.

Considerando a apropriação

Por fim, importante destacar aqui alguns aspectos que as investigações realizadas nos permitem apontar como viabilizadores de um profícuo diálogo com a literatura consultada a respeito de grupos e sua formação. Se, por um lado, as teorias de grupo analisadas por Carlos (1998) o consideram enquanto tal na medida em que prevalecem relações cooperativas e marcadas por forte conteúdo afetivo - entendendo afeto como sentimento positivo -, os grupos analisados e as relações ali entabuladas permitem afirmá-lo como contexto plural, marcado pelo encontro / desencontro / confronto de diferentes sujeitos, enfim, como espaço em que sentimentos diversos podem ali emergir e se expressar.

Nas análises realizadas, resultado do confronto com realidades diversas, deparamo-nos portanto com situações que nos impedem de pautar novas leituras sobre processos grupais a partir da noção de um ideal de grupo, o que diferencia as reflexões aqui apresentadas tanto das que seguem a tradição lewiniana – onde o grupo é visto como estrutura coesa que congrega relações sociais coerentes e regulares – quanto das apontadas por Lane (1985) – onde o grupo é condição de libertação dos sujeitos a partir da produção coletiva (vide Carlos, 1998). Libertação e dominação, coerência e incoerência, regularidade e irregularidade: o grupo social, de acordo com o que nos foi possível aprender e apreender até então, é na verdade um espaço de encontro / confronto de singularidades que ali se expressam / constituem / transformam, configurando ao mesmo tempo como um coletivo e lócus de diferenças.

Referências

- Bakhtin, M. (1990). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Carlos, S. A. (1998). O processo grupal. Em M. G. C. Jacques, M. Strey, N. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea* (pp.199–206). Petrópolis: Vozes.
- Da Ros, S. Z. (1997). *Cultura e mediação em Reuven Feuerstein: Relato de uma experiência pedagógica com adultos com história de deficiência*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Feuerstein, R. (1985). *Don't accept me as I am: Helping*. New York: Plenum Press.
- Figueiredo, L. C. (1991). *Psicologia: Uma introdução*. São Paulo: Ed. da UNESP.
- Góes, M. C. de R. (1993). Os modos de participação social e a significação do sujeito. *Temas em Psicologia*, 1(1), 11-22.
- Harvey, D. (1993). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Editora Unesp.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jameson, F. (1997). *Pós-modernismo: A lógica cultural da contemporaneidade*. São Paulo: Ática.
- Lane, S. T. M. (1985). O processo grupal. Em S. L. M. Lane (Org.), *Psicologia social: O homem em movimento* (pp.78-98). Rio de Janeiro: Zahar.
- Morin, E. (1996). A noção de sujeito. Em D. F. Schutte (Org.), *Paradigmas, cultura e subjetividade* (pp.45-55). Porto Alegre: Ed. da UFRGS.
- Nuernberg, A. H. (1999). *Investigando a significação dos diálogos entre professores e alunos no contexto de sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.
- Rodríguez, F. G. & Hera, C. M. A. de la (1998). El estudiante y la psicología social. Em J. M. L. Rubio, S. B. Jiménez, M. J. Martínez & J. M. Martínez (Eds.), *Orientaciones teóricas y ejercicios prácticos* (pp. 279-300). Madrid: McGraw-Hill.
- Sais, A. P. (2000). A produção da subjetividade mosaica sobre as velhices. *Alcance*, 2 (julho), 43-48.
- Santi, P. L. R. (1998). *A construção do Eu na modernidade contemporânea XIX – Um texto didático*. Ribeirão Preto: Holophaea.
- Vygotski, L. S. (1987). *Historia del desarrollo de las funciones psicológicas*. Habana, Cuba: Científico-Técnica.
- Vygotski, L. S. (1998). *Psicología da arte*. São Paulo: Mauad.
- Vygotski, L. S. (1991a). *Obras escogidas I: Problemas teóricos y prácticos*. Madrid: Visor.
- Vygotski, L. S. (1991b). *Obras escogidas II: Problemas de la psicología social*. Madrid: Visor.
- Vygotski, L. S. (1991c). *Obras escogidas III: Problemas de la psicología social*. Madrid: Visor.
- Zanella, A. V. (1997) *O ensinar e o aprender a fazer renda da atividade na perspectiva histórico-cultural*. Tese de Mestrado. Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Faculdade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Zanella, A. V. (2001). *L. S. Vygotski: O contexto, contribuição e continuidade de ZDP*. Itajaí, SC: Univali.
- Zanella, A. V. (2000). Aproximaciones a la temática del sujeto en Vygotski y E. Moin. *Psikhe*, 9(2), 75-92.
- Zanella, A. V., Balbinot, G. & Pereira, R. S. (1999). Aprender renda que eu te ensino a... inovar: Um projeto de pesquisa que rendeira à luz da psicología histórico-cultural.
- C. Gewehr, L. F. Bonin & Y. L. M. Bulgacoglu, *Participação social* (pp. 183-194). Porto Alegre: Artmed.
- Zanella, A. V., Balbinot, G. & Pereira, R. S. (2000). Aprender renda que eu te ensino a... inovar: Um projeto de pesquisa que rendeira à luz da psicología histórico-cultural.